



Machado de Assis e o IHGB: raça, ciência e ficção em *Americanas* (1875)

Machado de Assis and IHGB: science and fiction in *Americanas* (1875)

Dossiê: intérpretes do
Brasil

Larissa Mundim*

ORCID: 0000-0002-7312-5686

E-mail:
mundim.lari@gmail.com

Recebido: 27/11/2024
Aprovado: 05/04/2025

Resumo:

Machado de Assis, autor de *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romances marcados por críticas à escravidão, iniciou sua carreira literária como poeta. A princípio, ele se inspirava no cânone romântico representado por Schiller e Byron, mas acabou sofrendo críticas, pois parecia não contribuir para o desenvolvimento da literatura brasileira, até então caracterizada pelo nacionalismo e indianismo romântico. Em 1875, o autor publicou *Americanas*, coletânea poética voltada para a história brasileira, constituída por poesias indianistas inspiradas em documentos históricos divulgados pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), principal instituição de pesquisa de história do Império do Brasil. Este artigo discute como Machado de Assis apropriou-se da produção historiográfica do IHGB, debatendo a história brasileira e denotando novos sentidos para a imagem do índio. A análise se concentra nas notas finais do livro *Americanas* (1875), em que se encontram a referencialidade histórica. O objetivo é entender a relação entre literatura e história, a partir do debate sobre verossimilhança na literatura oitocentista. Ao comparar as poesias machadianas com a produção historiográfica, é possível analisar a relação do autor com a narrativa da história forjada no IHGB.

Palavras-chave:

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); Machado de Assis; História e Literatura; Indígenas;

Abstract:

Machado de Assis, one of Latin America's greatest intellectuals, author of *Dom Casmurro* and *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, novels which were marked by anti-slavery criticism, started his career as a poet. Initially, he was inspired by the Canons of Romanticism like Schiller and Byron but ended up being criticized for not contributing to the development of Brazilian literature, until then characterized by Nationalism and Indianism. In 1875, the author published *Americanas*, a poetic collection devoted to Brazilian history. It was composed of Romantic Indianism poems inspired by historical documents published by IHGB (Brazilian Historic and Geographic Institute), the main research institution on the history of the Empire of Brazil. This article aims to discuss how Machado de Assis utilized IHGB's Historiographical Production by debating Brazilian history and denoting new meanings to the image of Indigenous people. The analysis is based upon the final notes of *Americanas*' 1875 edition, in which the historical referentiality is

*Doutora e Mestra em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atua principalmente nos seguintes temas: literatura e história; direito e literatura; indianismo; escravidão. É integrante do Historical African Childhoods (King's College, Londres), no qual desenvolve pesquisa sobre as diferentes experiências de infância no mundo transatlântico.

found. The goal is to understand the relationship between Literature and History through the debate over the verisimilitude of the nineteenth-century literature. Comparing Machado's poems to the Historiographical Production, it is possible to analyse the relationship of the author with the historical narrative fabricated by IHGB.

Keywords:

Brazilian Historic and Geographic Institute; Machado de Assis; History and Literature; Indigenous.

Introdução

Aos 20 de outubro de 1871, Machado de Assis remetia uma carta ao Cônego Fernandes Pinheiro, então 1º Secretário do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). O escritor agradecia ao IHGB pela coleção de *Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB) recebidas por ele:

Estou de posse da coleção de Revistas, que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a pedido do seu ilustrado 3º vice presidente, o *Senhor* Doutor Joaquim Norberto de Sousa e Silva, resolveu me fosse remetida. Rogo a *Vossa Senhoria* queira transmitir à ilustre associação, de que é muito digno secretário, os meus cordiais agradecimentos.¹

É certo que Machado de Assis leu aquelas *Revistas* (RIHGB), bem como se apropriou delas para escrever uma parcela de sua obra. Machado de Assis as utilizou sobretudo na coletânea poética *Americanas* (1875). O livro composto por 13 poesias, 8 delas indianistas, tem a história, os cenários e os personagens brasileiros como tema. A edição apresenta uma “Advertência” na qual o autor explicou o motivo para escrever tais versos indianistas e notas explicativas no fim da edição. O objetivo deste artigo é analisar tais notas considerando o debate historiográfico do Brasil Imperial. As poesias que integram *Americanas*, em sua maioria, foram referenciadas em documentos da história do Brasil, tais como crônicas escritas pelo Padre Simão de Vasconcellos; trabalhos etnográficos como os de Couto de Magalhães; e *Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB).

A publicação de *Americanas* significou, entre outras coisas, uma aproximação de Machado de Assis com uma literatura indianista. Até então, Machado de Assis não havia publicado nada com uma relação tão direta com a “cor local”. A publicação de uma antologia nacionalista foi uma tentativa de Machado de Assis responder às críticas recebidas pela coletânea poética *Falenas* (1870), repreendida pela falta de nacionalismo e excesso de temas europeus. O impulso de Machado de Assis para pedir as RIHGB surgiu dos embates contra seus críticos.

Este artigo tem como objetivo analisar o conceito de história que emerge da obra de Machado de Assis. Para isso, analiso as notas encontradas no final da edição de *Americanas* (1875), comparando-as com as notas utilizadas por José de Alencar em sua

¹ *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II, 1870-1889. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 92), p. 35.

obra indianista. A partir disso, entendo o que Machado e Alencar entendiam por verossimilhança e o que isso implica para a produção literária brasileira oitocentista. Por fim, analiso o diálogo de Machado de Assis com a produção historiográfica emergida do IHGB, contrastando os documentos históricos com a poesia machadiana, concluindo que o poeta debateu os sentidos da história nacional forjada pela instituição. Enquanto o IHGB criava uma história oficial, dando luz a um processo linear de progresso a partir da colonização portuguesa, que acabava por silenciar o papel de agentes indígenas e africanos, o poeta demonstrava uma perspectiva crítica a esta história que parecia ter um caráter muito inventivo, tal qual uma obra literária. O romancista acaba demonstrando a ironia desta história nacional forjada que ganhava estatuto científico, evidenciando, para o leitor, os limites entre ciência e ficção no século XIX.

Antes mesmo de Machado de Assis, toda a tradição indianista referenciou a literatura em obras ditas históricas, recurso narrativo para legitimar a ficção no terreno científico. Possivelmente, um dos precursores do uso de notas foi Basílio da Gama (1769) com seu *O Uruguay*. No final da edição do livro, encontra-se uma série de textos explicativos e citações de fontes históricas que serviu para explicar a existência de alguns personagens históricos, como missionários jesuítas, que compuseram a narrativa (GAMA, 1769, pp. 1-85).

Os literatos oitocentistas também se muniram com relatos e personagens históricos em sua literatura, a intenção foi empregar verossimilhança a fim de se fundamentar as origens da nação. O Brasil, como uma jovem nação, passava por um processo sistemático de coleta de documentos e escrita da história, elucidado sobretudo pela inauguração do próprio IHGB.

Gonçalves Dias, poeta que também foi membro do IHGB, produziu textos etnográficos e na literatura usou notas no final da edição de dois livros indianistas: *Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão* (1848) e *Últimos Cantos* (1851). Em *Segundos Cantos* o objetivo foi explicar algumas escolhas narrativas. Já em *Últimos cantos*, Gonçalves Dias traduziu alguns termos indígenas. Essa fórmula foi incorporada por Gonçalves de Magalhães à *Confederação dos Tamoios* (1857). No poema épico de Gonçalves de Magalhães, as notas ganharam a função de traduzir termos e fundamentar casos, a partir de cronistas como Rocha Pitta e Gabriel Soares, conferindo verossimilhança.

A fórmula narrativa das notas foi utilizada por José de Alencar em seus romances indianistas. As notas de Alencar têm características semelhantes às dos seus antecessores, ou seja, comprovar as bases da nação a partir do documento histórico e traduzir termos

² DIAS, Gonçalves de. “Notas”. *Segundos cantos e sextilhas de Frei Antão*. Rio de Janeiro: Typ. Clássica de José Ferreira Monteiro, 1848, n.p.

³ DIAS, Gonçalves de. “Notas”. *Últimos cantos*. Rio de Janeiro: Typ. de F. de Paula Brito, 1851, pp. 288 – 296.

⁴ MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de. “Notas”. *A confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro: Tipografia Dous de Dezembro, 1857, pp. 1 – 20.

indígenas. Alencar utilizou fontes tradicionais como as *Crônicas da Companhia de Jesus*, textos do cronista protestante Léry e textos mais contemporâneos a ele, como os de Aires de Casal. José de Alencar urdiu uma narrativa indianista embasada no campo da história de forma ainda mais sistemática que Gonçalves Dias ou Gonçalves de Magalhães.

As notas, os prefácios e os prólogos eram espaços para polemizar, teorizar e explicar determinadas escolhas. A citação era o substrato cultural de um texto, um espaço no qual o autor assegurava a validade das informações que colheu. As notas remetem ao século XVII, quando alguns antiquários já incluíam um apêndice de documentos intitulado “provas”. No século XIX, o texto convencia e as notas provavam. (GRAFTON, 1998, p. 16)

A literatura romântica lidava com a verossimilhança e recorria-se às fontes, pois eram textos obrigatórios para qualquer um que decidisse escrever sobre a história colonial brasileira, como muitas vezes era o caso da literatura indianista. A maior parte dessa documentação, dos séculos XVI ao XVIII, ainda eram publicações inéditas no século XIX. E, alguns destes documentos foram publicados pela primeira vez na *RIHGB*. As notas da literatura indianista possibilitavam um mergulho na origem da nacionalidade. Os textos dos viajantes tinham um atestado de “confiabilidade”, por serem experiência da viagem e olhar estrangeiro. Sem diálogo crítico, havia uma “absorção pragmática” para o que servia ao projeto da literatura nacional (SÜSSEKIND, 1990, p. 128-129).

As notas de José de Alencar

O indianismo de José de Alencar é um caso interessante para analisar os limites entre a literatura e a história. Alencar transformou a literatura indianista a partir de sua crítica ao poeta da *Confederação de Tamoios*.⁵ Foi criticando Gonçalves de Magalhães que Alencar organizou ideias acerca do romance brasileiro e escreveu *O Guarani* (1858), publicado um ano depois da *Confederação*. Alencar se distanciou da fórmula clássica de versos como os de Gonçalves de Magalhães que tentavam imitar as epopeias de fundação das civilizações grega e romana. E, ao incorporar termos indígenas e escrever de forma mais simples, Alencar tentou forjar uma língua portuguesa próxima à maneira de falar no Brasil sem perder a correção gramatical, sendo este estilo uma de suas maiores contribuições para a literatura brasileira, pois fazia uma diferenciação linguística entre o português do Brasil e o de Portugal.

As notas alencarianas são como narrativas paralelas sujeitas às necessidades ficcionais do enredo literário. Na urdidura das notas da sua trilogia indianista – *Iracema*, *O Guarani*, *Ubirajara* – Alencar compôs um bom selvagem tropical a partir de um aparato considerado verossímil pelo romancista. Em José de Alencar, a História seria elaborada. E

⁵ *Carta sobre a Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro: Empreza Typographia Nacional do Diário, 1856.

o romancista acabava por relativizar os sentidos da “verdade” dos textos dos cronistas coloniais (ABREU, 2011, p. 14).

O Guarani (1858) e *As Minas de Prata* (1862 – 1865), enquanto romances históricos, travaram aproximações com o IHGB. *As Minas de Prata*, romance que de alguma forma é uma continuação de *O Guarani*, retoma o universo do Paquequer, possuindo ainda mais conexões com a *Revista do IHGB* (De Marco, 1993, p. 95). As “minas de prata” são baús de tesouro escondido por Robério Dias. A narrativa acompanha a saga do filho dele, Estácio, recuperando o tesouro lendário que teria o poder de definir o destino da colônia. Neste romance histórico, Alencar utilizou o recurso historiográfico para garantir verossimilhança, citando em suas notas obras como *História Geral do Brasil*, de Varnhagen e *Anais do Rio de Janeiro*, de Baltasar da Silva Lisboa. O próprio mapa das minas foi referenciado num mapa do Cônego Januário da Cunha Barbosa, publicado em uma *RIHGB* (1839). José de Alencar interpretou os documentos da *RIHGB* à sua maneira, dando um “talhe histórico” ao romance *Minas de Prata*, com referências importantes para a escrita da história brasileira (FREITAS, 2009, p. 21).

Na década de 1870, a obra de José de Alencar passou pelo escrutínio de críticos como Franklin Távora e Joaquim Nabuco.⁶ Franklin Távora publicou uma série de crônicas intitulada “Cartas a Cincinato” no periódico *Questão do Dia*, entre setembro de 1871 e fevereiro de 1872. A data de publicação coincide com a lei de 28 de setembro de 1871 (Lei do Ventre Livre), pois tal periódico tinha como objetivo debater com as ideias acerca da emancipação discutidas no parlamento. Alencar exercia o papel de Deputado na Câmara Legislativa e em seu cargo político refutou a ideia de emancipação liderada pelo Estado (CHALHOUB, 2003, p. 196).

Tanto por suas convicções políticas, quanto pela sua obra, José de Alencar se tornou alvo do novo periódico dirigido por Cincinato, pseudônimo de José Feliciano de Castilho. Cincinato era o destinatário das cartas escritas por Semprônio, pseudônimo de Franklin Távora. Franklin Távora talvez estivesse motivado pela vaidade, afinal o convite de polemizar com José de Alencar parecia sedutor (AGUIAR, 1997, p. 185). Independente de Távora conhecer ou não as intrigas da Corte, a série se converteu em um importante documento sobre a discussão acerca da verossimilhança na literatura brasileira.

Távora, formado na Faculdade de Direito de Recife, fazia parte do grupo de intelectuais ligados ao cientificismo e por essa razão, sua concepção de verossimilhança exigia exatidão histórica. O método de José de Alencar, basear sua ficção em ampla documentação histórica, acabou sendo usado contra si próprio. Távora comparou o romance com os documentos consultados e taxou a literatura de inverossímil, visto que havia divergências entre a ficção e o testemunho histórico (MARTINS, 2011, p. 29).

⁶ Tais polêmicas receberam edições em livro, que me serviram de consulta: *A polêmica Alencar / Nabuco*. Organização e Introdução: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978. TÁVORA, Franklin. *Cartas a Cincinato: estudos críticos por Semprônio*. (Org.: Eduardo Martins). Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

Távora mostrava se alinhar a uma perspectiva científicista do indianismo, ele parecia influenciado pelo método de criação artística de Taine, técnica fundamentada nas ciências; a linguística e a etnografia seriam, então, fontes indispensáveis para produzir uma literatura indianista realista (RIBEIRO, 2016, p. 77). Alencar respondeu à provocação no prefácio do título sugestivo “Benção Paterna”, publicado no romance *Sonhos d’Ouro* (1872), nesta publicação defendeu seu projeto literário.⁷

É provável que Machado de Assis tenha feito um uso sistemático das notas, debatendo conceitos como “verossimilhança” e “ciência” tendo em vista a polêmica em torno da obra de José de Alencar. Posicionando-se num debate entre a tradição romântica e o cientificismo ao usar o recurso das notas explicativas.

As notas de Machado de Assis

Simão de Vasconcellos nos conta de um ataque de índios Tamoios a um aldeamento jesuíta em que o capitão do assalto pretendia estuprar uma índia casada com um colono. O padre narrou que a índia “resistiu valorosamente” dizendo: “Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes matar-me e fazer de mim o que quiserdes” (VASCONCELLOS, 1865, p. 60). O capitão dos Tamoio afrontado vingou-se, matando a índia com crueldade. Este episódio, dentre tantos, serviu de inspiração para Machado de Assis escrever sua coletânea de poesias indianistas. O excerto retirado das *Crônicas da Companhia de Jesus* foi mote para a poesia “Potira”, na qual Machado de Assis apropriou-se da história denotando novos sentidos. Enquanto o padre preocupou-se em evidenciar a cristianização da índia assassinada, o poeta imaginou os motivos do ataque dos índios ao assentamento dos colonos. Na história de Machado de Assis, Potira havia sido prometida em casamento ao capitão do assalto, chamado Anajê. O sequestro de Potira foi para que ela se casasse com Anajê. A índia não o aceitou como marido, insistindo já ser cristã e casada, preferindo fugir. Anajê tomado por raiva assassinou Potira. A fim de legitimar o caso da índia cristã, Machado de Assis recorreu a outras referências, como na primeira nota da coletânea:

Simão de Vasconcellos não declara o nome da índia, cuja ação refere em sua *Crônica*.

Achei que não fosse o caso desta tamoia o único em que tão galhardamente se manifestou a fidelidade conjugal e cristã.

O padre Anchieta, na carta escrita ao padre-mestre Lainez, a 16 de abril de 1563, menciona o exemplo de uma índia, mulher de colono, a qual, depois de lho matarem os índios, caiu em poder destes, cujo Principal a quis violentar. Ela resistiu e desapareceu. Os índios fizeram correr a voz de que se matara; Anchieta supõe que eles mesmos lhe tiraram a vida. Caso análogo é referido pelo padre João Daniel (*Tesouro descoberto no Amazonas*, p. 2^a, cap. III); essa chamava-se Esperança e era da aldeia Cabu. (ASSIS, 1875, p. 197)

A partir desta nota, Machado de Assis esclareceu a inspiração da poesia, indican-

⁷ ALENCAR, José de. “Benção paterna”. In: *Sonhos d’Ouro*: romance brasileiro. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1872.

do outros documentos em que se encontram casos análogos ao narrado por Simão de Vasconcellos. Demonstrava, assim, a plausibilidade de sua narrativa e até mesmo que se tratava de um caso comum, comprovado por diversos cronistas.

As notas em *Americanas* têm diversas funções, a principal, certamente, era polemizar com certas perspectivas do indianismo e do cientificismo, evidenciando a fissura entre ciência e ficção, como na seguinte nota em que Machado de Assis explica a referência a Tupã, ainda na poesia “Potira”.

Tinham os índios a religião monoteísta que a tradição lhes atribui? Nega-o positivamente o Sr. Dr. Couto de Magalhães em seu excelente estudo acerca dos selvagens, asseverando nunca ter encontrado a palavra *Tupã* nas tribos que frequentou, e ser inadmissível a ideia de tal deus, no estado rudimentário dos nossos aborígenes.

O Sr. Dr. Magalhães restitui aos selvagens a teogonia verdadeira. Não integralmente, mas só em relação ao sol e à lua (*Coaraci e Jaci*), acho notícia dela no *Tesouro* do padre João Daniel (citado na nota a); e o que então faziam os índios, quando aparecia a lua nova, me serviu à composição que vai incluída neste livro.

Sem embargo das razões alegadas pelo Sr. Dr. Magalhães, que todas são de incontestável procedência, conservei *Tupã* nos versos que ora dou a lume; fi-lo por ir com as tradições literárias que achei, tradições que nada valem no terreno da investigação científica, mas que têm por si o serem aceitas e haverem adquirido como direito de cidade. (ASSIS, 1875, p. 198)

Neste trecho, Machado de Assis se referiu à obra *Viagem ao Rio Araguaia*, de Couto Magalhães (1863). Ao remeter a uma obra etnográfica, Machado de Assis evidenciou o limite entre literatura e ciência e a tão necessária comprovação da realidade buscada por certos autores realistas do século XIX. Mesmo demonstrando que Tupã se tratava de invenção, o poeta mencionou o deus indígena consolidado pela tradição. Ainda que se tratasse de mera invenção da tradição romântica indianista, Machado de Assis manteve certos termos criados pela literatura por se tratar de escritos consagrados e reconhecidos pelo público. Para Machado de Assis, a literatura se tratava de ficção e, portanto, estava distante da investigação científica, tendo o direito da invenção.

Machado de Assis dialogou mais diretamente com a literatura indianista tradicional, chegando a afirmar que não traduziria termos que os leitores já estavam mais habituados.

É ocioso explicar em notas o sentido desta palavra [cauim] e de outras, como *poema*, *muçurana*, *tangapema*, *canitar*, com as quais todo leitor brasileiro está já familiarizado, graças ao uso que delas têm feito poetas e prosadores. É também desnecessário fundamentar com trechos das crônicas a cena do sacrifício do prisioneiro, na estância XI; são coisas mezinhas. (ASSIS, 1875, p. 198-199).

O autor parece debochar da literatura indianista que de tanto desgastar-se para utilizar termos indígenas já acostumara o leitor. Além disso, diz que não iria “fundamentar” a partir de documentos históricos os costumes indígenas, sobretudo os mais habituais na literatura indianista, como casos de antropofagia, citado no fim da nota. Contudo, o autor se contradiz, pois fundamentou uma série de episódios e costumes indígenas a partir de textos ditos científicos.

Machado não tinha o mesmo compromisso com a verossimilhança que Alencar tomava para si. Machado concebeu suas notas diferente da forma alencariana. Embora tenha algumas notas bem parecidas, sendo uma delas igual, onde ambos autores traduzem o nome Anajê como gavião. Outro momento é referência à *Iracema*, no trecho em que os índios Tabajaras festejam a lua nova, “Jaci”, em nota, Alencar explica que: “Jaci: a lua. Do pronome *já* - nós, e *cy* - mãe. A lua exprimia o mês para os selvagens; e seu nascimento era sempre, por eles festejado” (ALENCAR, 1865, p. 178). Machado de Assis escreveu uma poesia intitulada “Lua Nova”, em que se escreveu sobre uma tribo indígena comemorando o novo ciclo da lua, mesmo se tratando de um episódio que o leitor estava acostumado, o poeta explica o costume: “...E na verdade tem ocasiões em que festejam muito a lua, como quando aparece nova; porque então saem de suas choupanas, dão saltos de prazer. Saúdam-na e dão-lhes as boas-vindas. (JOÃO DANIEL. Tes. *Descob. no Amaz*, parte 2ª, cap. X).” (ASSIS, 1875, p. 208).

O poeta demonstrou com exatidão as fontes das informações. O indianismo machadiano, porém, não tinha nenhuma pretensão de forjar a identidade nacional, embora *Americanas* seja a contribuição de Machado de Assis para a discussão. O olhar do poeta foi de um homem da década de 1870, crítico da conjuntura literária brasileira, inclusive do indianismo romântico.⁸ Em *Americanas*, as notas não servem para respaldar o índio que se queria construir como símbolo da nação, entretanto elas carregam um rastro de autenticidade histórica pretendida por Machado. O poeta conferia verossimilhança para um índio que ele acreditava ser próximo do real e plausível como qualquer ser humano independente da “raça”.⁹ Machado de Assis tramava assim, sua própria verossimilhança agregando documentos históricos às narrativas. O argumento de que o índio, segundo Machado de Assis, era um homem como qualquer outro, se encontra na “Advertência” de *Americanas* quando na mesma, o autor afirmou: “o essencial é a alma do homem”. Argumento inscrito em “Niani”, cujas primeiras estrofes carregam ideias acerca da universalidade de sentimentos como o amor e a tristeza.

Contam-se histórias antigas
Pelas terras de além-mar,
De moças e de princesas,
Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n’alma
E a vida soe acabar,
Amor é de todo o clima,
Bem como a luz, como o ar.

Morrem dele nas florestas
Aonde habita o jaguar,
Nas margens dos grandes rios
Que levam troncos ao mar. (ASSIS, 1875, p. 5)

⁸ ASSIS, Machado de. “Notícia da atual literatura brasileira- Instinto de Nacionalidade”. In: *O Novo Mundo*. New York, 23 de março, 1873, vol. III, nº 30. pp. 107-108.

⁹ Críticas escritas após a publicação de *Americanas* apontam o problema de Machado de Assis não se alinhar a uma perspectiva cientificista na questão indígena. Um crítico anônimo, em 1875, rejeitou o fato de Machado de Assis construir personagens indígenas “acima de sua espécie”. Para o debatedor, “os elementos exteriores” definiriam a moralidade de uma pessoa. Por exemplo, de acordo com o crítico, o “movimento rápido, feroz e louco” do ciumento Otelo era na verdade “influência da natureza ardente da África”. Machado de Assis, enfim, não encarou seus personagens “cientificamente”. (Autor desconhecido. “Bibliografia: *Americanas*, poesias de Machado de Assis”. *Brazil Americano*. 20 de dez., 1875, p. 4.)

O poeta narrou a história de Niani e Panenioxé, protagonistas de uma história de amor tão triste “como os que contam/ Pelas terras de além-mar” (ASSIS, 1875, p. 5). Como o amor é sentimento de “todo o clima”, foi no Mato Grosso onde nasceu o amor de Niani por Panenioxé. Eles se casaram, mas Panenioxé foi tomado por tédio e decidiu ir embora para o Paraguai. Niani, apaixonada, chorava noite e dia; seu sofrimento se tornou piada entre os demais. Eis que chegou a notícia que Panenioxé se casaria com outra mulher de “sangue vulgar”. Niani morreu de tristeza, mas antes batizou um escravo com o nome de Panenioxé. A partir da poesia e de algumas notas, percebe-se que Machado de Assis estaria na verdade escrevendo sobre uma sociedade bem estratificada, tanto Niani quanto Panenioxé eram nobres dentro de sua cultura. O batismo do escravo com o nome de Panenioxé era para envergonhar o nobre índio. A hierarquia e a nobreza, seria então uma questão de ponto de vista; aquele fidalgo em uma cultura, em outra pode ser considerado incivilizado e assim consecutivamente. As hierarquias, por sua vez, pareciam universais. O poeta chegou a escrever sobre a hierarquia Guaicuru numa nota seguida de uma anedota:

Os Guaicurus dividem-se em nobres, plebeus ou soldados, e cativos. Do próprio texto que me serviu para esta composição se vê até que ponto repugna aos nobres toda a aliança com pessoas de condição inferior.

A este propósito direi a anedota que me foi referida por um distinto oficial de nossa armada, o capitão de fragata Sr. Henrique Batista, que em 1857 esteve no Paraguai comandando o *Japorá*, entre o forte Coimbra e o estabelecimento Sebastopol. Ia muita vez a bordo do *Japorá* um chefe Guaicuru. Capitãozinho, muito amigo da nossa oficialidade. Tinha ele uma irmã, que outro chefe guaicuru, Lapagata, cortejava e desejava receber por esposa. Lapagata recebera o título de capitão das mãos do presidente do Mato Grosso. Opunha-se com todas as forças ao enlace o Capitãozinho. Um dia, perguntando-lhe o Sr. H. Batista porque motivo não consentia no casamento da irmã com Lapagata, respondeu o altivo Guaicuru:

— Oponho-me, porque eu sou capitão por herança de meu pai, que já o era por herança do pai dele. Lapagata é capitão de papel. (ASSIS, 1875, p. 201)

Além de ter buscado referencialidade em um artigo de uma *RIHGB*, o poeta acrescentou em sua nota informações etnográficas reportadas pelo Capitão de Fragata Henrique Batista para apresentar a estratificação social Guaicuru. “Niani” é uma poesia com notas importantes para entender a forma como Machado de Assis também sinalizou sua coletânea com referências históricas. A própria explicação dos nomes dos protagonistas é bem interessante. Machado de Assis explica:

Nanine é o nome transcrito na *História dos Índios Cavaleiros*. Na língua geral temos niaani, que Martius traduz por *infans*. Esta forma pareceu mais graciosa; e não duvidei adotá-la, desde que o meu distinto amigo, Dr. Escragnolle Taunay, me asseverou que, no dialeto guaicuru, de que ele há feito estudos, *niani* exprime a ideia de *moça franzina, delicada*, não lhe parecendo que existia a forma empregada na monografia de Rodrigues Prado. (ASSIS, 1875, p. 201)

Como se vê, Machado de Assis procurou a melhor forma para o nome de sua protagonista, chegando a debater com outros autores, Martius e Taunay. Este último foi amigo de Machado de Assis. Em 15 de outubro de 1873, Taunay enviou uma carta a Machado, esclarecendo as dúvidas sobre o nome Niani.

Depois de nossa conversa última pensei qual poderia ser o *verdadeiro nome* que deve ter a sua heroína Guaicuru. *A tradição em que você se funda dá Naniné*. Pois bem, o *vocabulo legítimo* e que servia de apelido a algumas mulheres guaicurús é Nianni [niâni], que quer dizer - criança, pessoa fraca, débil. Julguei de obrigação comunicar-lhe isto.¹⁰

Esta carta demonstra o cuidado com que o poeta confeccionou a coletânea *Americanas*, realizando uma pesquisa meticulosa, colocando autores para debater entre si e assegurando certa verossimilhança mesmo tendo afirmado ser a invenção o terreno da literatura. A inspiração de “Niani” está no primeiro artigo publicado na primeira *RIHGB*: “História dos Índios Cavaleiros”, Rodrigues Prado. A descrição de Rodrigues Prado aproximou os índios de guerreiros medievais. A imagem medieval não foi defendida por Machado de Assis em sua coletânea, ele estava mais interessado num índio histórico. Até mesmo o sentido da anedota contada por Rodrigues Prado foi invertido por Machado. O artigo é um relato de viagem sobre a cultura, os costumes, a organização social e os aspectos físicos do povo Guaicuru, com que Rodrigues Prado conviveu nas margens do Rio Paraguai, no final do século XVIII. Rodrigues Prado narrou vários episódios que presenciou entre os indígenas. O trecho que inspirou o poeta diz o seguinte:

Desde então cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia, sendo seus olhos sempre chorosos. Assim se passaram três meses, quando um dia, estando deitada na sua rústica cama, lhes deram a notícia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esfera. Senta-se então Nanine na cama, com arrebatada, chama para junto de si um pequeno índio que era seu cativo, e diz-lhe na presença de vários antecris: “Es meu cativo, dou-te a liberdade, com a condição que chamarás toda a vida Panenioxé.” Então seus olhos deixaram correr dilúvios de lágrimas pelas suas tristes faces, que ela de envergonhada quis ocultar, mas o amor ofendido não o permitia. Parece que esta violenta contenda de duas poderosas paixões lhe motivou uma febre ardente, com a qual ao outro dia perdeu a vida. (ASSIS, 1875, p. 207)

Dentro da lógica do relato de Rodrigues Prado, a história de Nanine aparece como uma história engraçada que o viajante presenciara entre os índios. O cronista queria provar a partir da anedota de Niani que as mulheres Guaicuru amavam em excesso e não possuíam temperança em suas vidas. Para Machado de Assis, o sofrimento da mulher traída não parecia uma piada. A poesia tem um tom melancólico, transmitindo ao leitor uma história de amor, ciúme e traição plausível de acontecer em qualquer lugar. O poeta subverteu a intenção do cronista, novamente imprimindo novos sentidos à história narrada pelo viajante.

“Viva pois a história, a volúvel história que dá pra tudo”

João Cezar de Castro Rocha em “Machado de Assis, leitor (autor) da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*” se propõe a analisar o debate entre Machado de Assis e o IHGB. Castro Rocha contribui para a análise na medida em que compreende a relação entre a obra machadiana e a disciplina História. De acordo com Castro e Rocha, a História para Machado de Assis “não é um conjunto disciplinado de fatos,

¹⁰ *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II, 1870-1889. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 92), p. 201.

teleologicamente ordenado uma sequência linear”, é, certamente “texto, ou seja, uma forma narrativa determinada” (ROCHA, 2001, p. 321). A partir disso, Castro Rocha tentou responder à pergunta se Machado de Assis seria leitor da *RIHGB*. O crítico identificou toda a coleção da *RIHGB*, de 1839 até 1870, na Biblioteca de Machado de Assis e até percebeu anotações em algumas delas. O que segundo ele não garante a leitura das *Revistas*. Castro Rocha examinou a poesia *O Almada*, na qual Machado de Assis citou a referência à *RIHGB*. No entanto, conclui que estudar Machado “leitor da *Revista do Instituto* não parece muito promissor” (ROCHA, 2001, p. 325). Entretanto, acredito que há possibilidades outras para compreender como Machado de Assis leu e se apropriou da leitura das *RIHGB*. A partir da coletânea poética *Americanas* eu pude entender as razões que fizeram Machado de Assis pedir a coleção de *RIHGB*, bem como o diálogo direto entre a obra indianista, tanto de Machado de Assis quanto de José de Alencar, com a produção historiográfica do IHGB. Independentemente de ter sido ou não leitor assíduo da *RIHGB*, Machado de Assis, em última análise, debateu com o projeto de nação difundido pelo IHGB.

O IHGB foi uma instituição fundada com a intenção de “escrever a história brasileira enquanto palco de atuação de um Estado iluminado, esclarecido e civilizador” (GUIMARÃES, 1998, p. 7). A história seria então um “processo linear e marcado pela noção de progresso”. Todavia, ficava evidente a contradição de narrar esta história numa sociedade nitidamente escravista e miscigenada. Ao se discutir, por exemplo, a viabilidade do indígena como representante nacional, construía-se uma história excludente. O IHGB buscava garantir a homogeneização e uma continuação do processo civilizatório iniciado por Portugal. Para tanto, a historiografia definiu a exclusão dos que não faziam parte do pacto civilizatório - índios e africanos (DIEHL, 1998, p. 31).

A ideia por mim desenvolvida foi que Machado de Assis dialogou justamente com essa ideia de um processo marcado pela linearidade, civilização, progresso e papel preponderante dos portugueses. Ao longo de sua coletânea, o escritor evidenciou um processo histórico explicitamente violento, já demonstrando a exclusão de uma parcela mestiça da população nos debates do IHGB. Em *Americanas*, por sua vez, o poeta excluiu a presença de portugueses e deu voz àqueles que teriam sido vítimas do processo colonizador. Caso de Potira e Anajê, ambos são vítimas da colonização na história escrita por Machado de Assis.

Machado de Assis parece criticar os “mecanismos de memória” postulados pelo IHGB. Uma das obras indianistas mais importantes que corroborou com o projeto historiográfico do IHGB foi a *Confederação dos Tamoios* (1856). Num dado momento da épica - o sonho de Jagoanhara - o personagem previu a chegada da família real, a independência e o Império regido por D. Pedro II. Conjunto de fatos que supostamente teria levado as luzes e a civilização ao Brasil. O papel do índio seria fazer parte da gênese

do Império como um derrotado pelo processo civilizatório. Já o autor de *Americanas*, ao narrar o sonho premonitório em uma poesia, “A visão de Jaciúca”, não previu um futuro bom, tampouco um Império glorioso. O índio Jaciúca somente viu em seu sonho mortes e destruição e foi aconselhado pelo espírito de seu amigo Içaíba a não se entregar sem resistir e a guardar a memória de seu povo.

Poupa ao menos essa
Derradeira esperança de guarda-lo
Todo o valor para o supremo dia
E com honra ceder a estranhas hostes;
Salva ao menos as últimas relíquias
Desta nação vencida; (ASSIS, 1875, p. 134)

Observando a forma como Machado de Assis utilizou as fontes historiográficas, se percebe como ele participou do debate sobre a história brasileira. A partir de *Americanas*, o escritor dialogou também com diferentes perspectivas históricas de intelectuais ligados ao IHGB. Sobretudo o historiador Varnhagen foi alvo das críticas machadianas. O historiador se posicionava a favor do cativo indígena, algo que o poeta não concordaria. Há um claro contraste entre a perspectiva de Varnhagen e a de Machado. Em “Instinto de Nacionalidade”, o escritor tomou partido na discussão e ironizou Varnhagen e seus partidários que “negam tudo aos primeiros povos destes país” (ASSIS, 1873, p. 107). Segundo Machado de Assis, considerando as ideias de Couto de Magalhães e de Gonçalves Dias não seria “lícito arredar o elemento [indígena] da nossa aplicação intelectual”, seria um “erro” a “absoluta exclusão” dos índios. Ele parecia consciente que a nacionalidade brasileira não poderia ser entendida exclusivamente nos povos indígenas, todavia não poderia excluí-los do projeto de nação. Machado e Varnhagen se diferem tanto na forma como enxergam o espólio do indianismo quanto na noção de história. De acordo com a perspectiva de Varnhagen, a “vitória” portuguesa sobre a colônia aconteceu devido a sua superioridade por meio da lei, ordem e religião, sendo o processo colonizador uma “limpeza racial”. Já na perspectiva machadiana existe a possibilidade de acasos e fatalidades históricas, demonstrando se tratar de sociedades organizadas com leis, cultura e costumes próprios que acabaram eliminadas por uma força bélica maior, como é o caso da nação do sonhador Jaciúca e de “Os Orizes”.

A poesia “Os Orizes”, mesmo sendo um fragmento, não foi excluída de *Americanas*. O enredo teve inspiração no artigo veiculado na *RIHGB* “Os Orizes conquistados”, de Monterroyo Mascarenhas, viajante português do século XVIII. O documento publicado na *RIHGB* dá conta da conversão dos “indômitos” Orizes Procazes ocorrida por volta de 1713. Entre as preocupações dos intelectuais ligados ao IHGB estava a conversão dos indígenas, pois se tratava de uma matéria para a civilização dos índios do século XIX, portanto muitos documentos sobre o assunto foram transmitidos na *RIHGB*. Um trabalho como o de Monterroyo Mascarenhas acabava evidenciando a possibilidade de conversão, até mesmo de grupos mais aguerridos, como foi o caso dos Orizes, no

sertão baiano. Mascarenhas demonstrou a introdução paulatina da língua e da fé portuguesas. E como os “rudes” Orizes que declararam “ódio da cristandade”, cederam ao Evangelho. O papel do líder Ureth foi central, sendo responsável por negociar vantagens para o seu povo, limitando a aproximação dos padres; certamente, à medida que a confiança aumentava, as barreiras eram rompidas. Ao fim e ao cabo, 2000 índios foram batizados, destacando o batismo do então líder Ureth, que passou a se chamar Rafael.

Machado de Assis ao apropriar-se deste episódio da história evidenciou outros aspectos. Mesmo que o fragmento da poesia não tenha sido concluído, podemos inferir o mesmo final – a conversão dos indígenas - quiçá o poeta imaginaria luta. No entanto, até o ponto escrito, Machado de Assis queria transmitir ao leitor a beleza dos modos rudes e a resistência à colonização:

Tinha planejado uma composição de dimensões maiores, e não levei a cabo, por intervirem outros trabalhos, que de todo me divertiram a atenção. Foi o nosso eminente poeta e literato de Porto Alegre, hoje Barão de Santo Ângelo, quem, há cerca de 4 anos, me chamou a atenção para a relação de Monterroyo Mascarenhas, *Os Orizes Conquistados*, que vem na *Revista do Instituto Histórico*, t. VIII. A aspereza dos costumes daquele povo, habitante do sertão da Bahia, cerca de duzentas léguas da capital, sua rara energia, as circunstâncias singulares da conquista e conversão da tribo, eram certamente um quadro excelente para uma composição poética. Ficou um fragmento, que ainda assim não quis excluir do livro. (ASSIS, 1875, p. 201)

O clima de violência e o protagonismo dos subalternos se mostrou central na coletânea. Todas as poesias possuem um tom melancólico. Meu palpite, isso foi intencional. À época Machado de Assis escreveu “O Almada”, um “poema herói-cômico” totalmente referenciado na produção do IHGB, publicado na *Revista Brasileira* (1873).¹¹ A exclusão de “O Almada”, certamente muito próxima do tema central de *Americanas*, talvez não tenha sido porque se tratava de uma poesia já conhecida pelo leitor. Outras poesias como “Potira” e “Os Orizes” também não eram inéditas. Muito provavelmente foi porque apesar da semelhante orientação histórica, “O Almada” possui um caráter cômico discrepante do resto da coletânea. *Americanas* tem um conjunto muito solene para uma poesia como “O Almada”. O “poema herói-cômico” tem inspiração nos *Anais do Rio de Janeiro*, de Baltazar da Silva Lisboa. Em sua “Advertência”, Machado de Assis alertou: “o assunto deste poema é rigorosamente histórico” (ASSIS, 1910, p. 103).

E de fato a narrativa fez referência ao atentado contra o Tabelião Sebastião Ferreira Freire, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1659. Sebastião Ferreira Freire sofreu um atentado e prestou queixa sobre o ocorrido ao Ouvidor-Geral Pedro Mustre Portugal, que deu início a uma devassa. No entanto, os autores do delito eram protegidos do Prelado Administrador do Rio de Janeiro, o presbítero Manuel de Sousa Almada. Então, Almada exigiu os papéis da devassa afim de acabar com a confusão. O ouvidor-geral não o

¹¹ A poesia foi publicada também postumamente na coletânea *Outras Relíquias*, esta versão que referencio. ASSIS, Machado de. “O Almada”. In: *Outras Relíquias*. RJ: Garnier, 1910.

obedeceu. Como punição, Almada excomungou Pedro Mustre Portugal, que então recorreu à Câmara da cidade para suspender sua excomunhão, esta por sua vez comunicou o problema ao Governador Tomé Alvarenga. Por ordem dele, houve uma reunião entre Padres e teólogos, estes decidiram suspender a pena de excomunhão e remeter a devassa ao Rei. No fim, descobrimos que a emboscada contra Sebastião Ferreira Freire foi planejada pelo próprio Almada, com a finalidade de se colocar como vítima do ódio popular. Não tardou para a Corte pedir que Almada desistisse do cargo de Prelado Administrador.

Machado de Assis na “Advertência” do poema afirmou ter acrescentado alguns detalhes, afinal isso seria “regra e direito fazer numa obra de imaginação” e buscado “o cômico onde ele estava”: “no contraste da causa com os efeitos, tão graves, tão solenes, tão fora de proporção” (ASSIS, 1910, p. 104). O poeta exagerou, sobretudo, os traços da personalidade do Almada, sua galhofa foi destinada a este representante do clero. A piada está no final da história, quando se descobre que na verdade tudo foi causado pelo próprio Almada. Este tom cômico parecia fora de proporção para uma coletânea como *Americanas*, na qual os personagens não são fidalgos da colônia, e sim as vítimas do mundo senhorial e colonial.

Na “advertência” de “O Almada”, Machado de Assis arrematou dizendo que: “Numa obra deste gênero pode-se e deve-se alterar a realidade dos fatos, quando assim convenha ao plano da composição; mas as feições gerais do tempo e da sociedade, a essas é necessária a fidelidade histórica” (ASSIS, 1910, p. 107- 108). O autor parecia concordar que até mesmo a ficção tem regras e a documentação histórica servia para dar um ar de verossimilhança e demarcar limites para a imaginação do escritor, servindo para criar feições fidedignas quando se tratasse do cenário, da sociedade ou do tempo histórico. No entanto, era de direito da ficção, sobretudo no gênero de poema herói-cômico, se distanciar do discurso científico e alterar os fatos. A ficção não poderia, então, ser tomada como realidade.

Conclusão

Mesmo depois de *Americanas*, Machado continuou, em outros momentos da carreira literária, a interlocução com a história. Ele debateu com Capistrano de Abreu os sentidos da história. O historiador Capistrano de Abreu, como um admirador de Comte e Spencer, entendia que “a análise da literatura era passível de rigor científico, do mesmo método próprio da análise sociológica” (CANO, 1998, p. 37). Por outro lado, é possível que para Machado de Assis fosse o oposto, a literatura que poderia servir à análise da sociedade. Por exemplo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pode ter sido uma espécie de alegoria na qual “apresentava uma história do Brasil (Brás), ou de uma representação do

Brasil (Brás), ou de uma representação do Brasil a partir de um olhar particular das classes proprietárias”, sendo uma “crítica ao conceito de história nacional” (CANO, 1998, p. 38). Tendo como exemplo a genealogia de Brás Cubas, na qual se percebe o esforço em criar a própria história familiar pautada numa grandeza e inventando parentes fidalgos. A “ideia fixa” do IHGB foi narrar a história da nação brasileira e colaborar para a formação da identidade nacional, silenciando os agentes que se queria enterrados. Machado de Assis então demonstrava desacreditar em uma história percebida por ele como “inventiva” e “falsificação”. O escritor se mostrava cético também da história “positiva” por esta censurar a relação entre ciência histórica e discurso literário e não entender a ideia de que romances podiam explicar a realidade social - tal qual o próprio Machado de Assis fez em sua obra. (CANO, 1998, p. 38).

John Gledson analisou algumas fontes sobre a história no pensamento machadiano, realizando pesquisa na biblioteca do escritor e em citações dos romances, contos e crônicas. A biblioteca machadiana, abrigada na Academia Brasileira de Letras, possui um importante levantamento feito por Jean Michel-Massa, que identificou vários livros de história no acervo do escritor fluminense (MASSA, 2001, p. 55-59).

Ao observar os livros do inventário da biblioteca machadiana, salta aos olhos de John Gledson as “fontes do pensamento machadiano sobre a história”, mencionarei duas. A primeira categoria é a do grupo formado por historiadores clássicos gregos e romanos: Xenofonte, Heródoto, Tucídides, Plutarco, Lívio, Tácito, Suetônio. Estes historiadores frequentemente eram utilizados por Machado no sentido anedótico, para lançar uma luz irônica sobre os acontecimentos. Razão pela preferência por Suetônio, que possuía “versões irreverentes da história oficial” (GLEDSON, 2003, p. 298). A segunda categoria é a influência de Schopenhauer. Como leitor arguto de Schopenhauer, o romancista brasileiro parecia concordar com o ceticismo do filósofo. Schopenhauer não acreditava na noção de progresso e se mostrava cético quanto à disciplina histórica. Segundo o filósofo, não poderia ser ciência, visto que os procedimentos aproximavam de uma obra de ficção (GLEDSON, 2003, p. 303). Machado talvez concordasse em parte com Schopenhauer. Machado de Assis parecia ter “desprezo pela história oficial e pode ser que para ele, a história se aproximasse da ficção, por se tratar de uma narrativa e por depender da perspectiva do observador/historiador. (GLEDSON, 2003, p. 303).¹² Ao analisar, por exemplo, a forma como Machado de Assis ficcionalizou a história no romance *Iaiá Garcia* e no conto “D. Benedita”, Gledson concluiu que Machado possuía “profundo ceticismo acerca dos fins e das formas, ou motivos da história” (GLEDSON, 2003, p. 293).

Machado de Assis percebia a narrativa histórica como dependente da perspectiva. Ele demonstrava certa preocupação com a verossimilhança e a plausibilidade, mesmo que

¹² As demais categorias são: a) historiadores europeus como Taine, Thiers, Renan Buckle, Alexandre Herculano, etc; b) antropólogos como Lubbock e Edward Tylor; c) historiadores do Brasil como Robert Southey e Norberto Sousa e Silva. (GLEDSON 298 - 304)

isto signifique dar outro sentido às narrativas que lhe servem de fonte. Além disso, ele valorizava a literatura como constituidora de tradição intelectual, por isso ela própria poderia validar algumas versões que ele adotou nas poesias. As ideias de Machado de Assis contrastam com a noção de história do IHGB, pois a construção da história pelos membros do IHGB parecia “inventiva” e com intenções de justificar desigualdades sociais ao excluir determinados agentes da história.

Referências

Fontes históricas:

ALENCAR, José de. “Bênção Paterna”. *Sonhos d’Ouro*: romance brasileiro. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1872, pp. 5-19.

ALENCAR, José de. *Carta sobre a Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro: Empresa Typographia Nacional do Diário, 1856.

ALENCAR, José de. *Iracema*: a lenda do Ceará. Rio de Janeiro: Typ. de Vianna & Filhos, 1865.

A polêmica Alencar / Nabuco. Org: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978.

ALENCAR, José de. *O Guarani*: romance brasileiro. Rio de Janeiro: Empresa Nacional do Diário, 1857.

ASSIS, Machado de. *Americanas*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1875.
Alencar, José de. “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade”. *O Novo Mundo*, v. 3, n. 30, 1873. p. 107-108.

ASSIS, Machado de. “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade”. *O Novo Mundo*, v. 3, n. 30, 1873. p. 107-108.

ASSIS, Machado de. “O Almada”. *Outras Relíquias*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1910.

Correspondência de Machado de Assis: tomo II, 1870-1889. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 92).
GAMA, José Basílio da. *O Uruguay*. Lisboa: Régia Oficina Typ, 1769. pp. 1 – 85.

MAGALHÃES, D. J. Gonçalves de. *A Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro, 1856.

MONTERROYO, Joseph Freyre Mascarenhas. “Os Orizes Conquistados”. *Revista do IHGB*. Tomo VIII, 3º trimestre. (2ª ed). Rio de Janeiro: Typ de João Ignácio da Silva, 1867.

PRADO, Rodrigues. “História dos Índios Cavaleiros”. *Revista do IHGB*, tomo I, n. 1 (3ª ed.). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908 [1839].

TÁVORA, Franklin. *Cartas a Cincinato*: estudos críticos por Semprônio. (Org. Eduardo Vieira Martins). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

VASCONCELLOS, Simão de. *Crônicas da companhia de Jesus do Estado do Brasil*. vol. II. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 2ª ed. 1865 [1663].

Bibliografia

- ABREU, Mirhiane Mendes. *Ao pé da página: a dupla narrativa em José de Alencar*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- AGUIAR, Cláudio. *Franklin Távora e o seu tempo*. São Caetano do Sul, SP: Ateliê Editorial, 1997, p. 185.
- CANO, Jefferson. “Machado de Assis, historiador”. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, organizadores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 35- 66.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- DE MARCO, Valéria. *A perda das ilusões: o romance histórico de José de Alencar*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo, RS: Ediunpf, 1998.
- FREITAS, Renata. “José de Alencar e o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro: apontamentos sobre a concepção do romance *As Minas do Prata* (1862 - 1865) e a cultura histórica brasileira nos oitocentos”. *Aedos*, v. 2, n. 5, 2009, pp. 8 – 25.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- GUIMARÃES, M. L. S. “Nação e civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional”. *Estudos Históricos*, n. 1, 1998, pp. 5 – 27.
- MASSA, Jean-Michel. “A biblioteca de Machado de Assis”. *A biblioteca de Machado de Assis*, José Luís Jobim editor. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001, pp. 21-90.
- MARTINS, Vieira Eduardo. “Apresentação”. Távora, Franklin. *Cartas a Cincinato: estudos críticos por Semprônio*. (Org. Eduardo Vieira Martins). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, pp. 9 - 37.
- RIBEIRO, Cristina. *Um norte para o romance brasileiro: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- ROCHA, João Cezar de Castro. “Machado de Assis, leitor (autor) da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*”. *A biblioteca de Machado de Assis*, José Luís Jobim, organizador. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001, pp. 315-334.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.